



## “A Revolta das Máquinas” (1896) de Han Ryner: uma crítica anarquista individualista à mecanização da vida

*“The Revolt of the Machines” (1896) by Han Ryner: an  
individualist anarchist critique of the mechanization of  
life*

*“La revuelta de las máquinas” (1896) de Han Ryner:  
una crítica anarquista individualista a la mecanización  
de la vida*

Gilson Leandro Queluz [\*]

---

[\*] Gilson Leandro Queluz é doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Mestre em História pela UFPR. Professor do Departamento Acadêmico de Filosofia e Ciências Humanas (DAFCH) e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da UTFPR. E-mail: [gqueluz@gmail.com](mailto:gqueluz@gmail.com).

---

**Resumo:** Este artigo analisa o conto “A Revolta das Máquinas”, publicado originalmente em 1896 pelo anarquista individualista Han Ryner. A história é sobre uma imaginária revolta de locomotivas sencientes contra o poderoso engenheiro Durdonc, liderada pela primeira máquina capaz de autorreprodução através da técnica da partenogênese, denominada Jeanne. A narrativa possibilita uma compreensão de temáticas pertinentes à tradição anarquista, especialmente a individualista. Apresenta críticas contundentes à organização do trabalho, à vivissecação, ao militarismo, à ciência e à tecnologia como elementos de enquadramento da vida. Desta forma, Ryner demonstra, de maneira exemplar, o papel da literatura anarquista na luta contra as injustiças da sociedade capitalista e na defesa de um futuro não programado, emancipado.

**Palavras-chave:** Han Ryner; anarquismo individualista; literatura anarquista.

**Abstract:** This article analyzes the short story “The Revolt of the Machines”, originally published in 1896 by the individualist anarchist Han Ryner. By narrating an imaginary revolt of sentient locomotives against the powerful engineer Durdonc, led by the first machine capable of self-reproduction through the technique of parthenogenesis, Jeanne, the tale enables an understanding of themes pertinent to the anarchist tradition, especially the individualist one. Thus, we come across scathing criticisms of the organization of work, vivisection, militarism, science and technology as elements that frame life. In this way, Ryner demonstrates in an exemplary manner the role of anarchist literature in the fight against the injustices of capitalist society and in the defense of an unprogrammed, emancipated future.

**Keywords:** Han Ryner; individualist anarchism; anarchist literature.

**Resumen:** Este artículo analiza el cuento “La revuelta de las máquinas”, publicado originalmente en 1896 por el anarquista individualista Han Ryner. Al narrar una revuelta imaginaria de locomotoras sensibles contra el poderoso ingeniero Durdonc, lideradas por la primera máquina capaz de autorreproducirse mediante la técnica de la partenogénesis, Jeanne, el cuento permite comprender temas relevantes para la tradición anarquista, especialmente la individualista. Así nos topamos, con críticas mordaces a la organización del trabajo, el militarismo, la vivisección, la ciencia y la tecnología como elementos que enmarcan la vida. De esta forma, Ryner demuestra de manera ejemplar el papel de la literatura anarquista en la lucha contra las injusticias de la sociedad capitalista y en la defensa de un futuro emancipado y no programado.

**Palabras clave:** Han Ryner; anarquismo individualista; literatura anarquista.

\*\*\*

## Introdução

Este artigo pretende analisar o conto “A Revolta das Máquinas”, do anarquista individualista Han Ryner (1861-1938)<sup>1</sup>, publicado originalmente em 1896 na revista anarquista *L’Art Social*. Nele, o “grande engenheiro” Durdonc aperfeiçoa o processo de autonutrição das máquinas, procurando alcançar a total abolição do trabalho humano. Este processo chega ao seu ápice quando a locomotiva Jeanne, através de um misterioso processo de partenogênese desenvolvido pelo engenheiro, dá à luz a Jeannete. A autoritária e cruel postura de Durdonc, ao retirar Jeannete da sua mãe e dissecá-la, levará à revolta das locomotivas e à morte do próprio engenheiro.

O conto problematiza, ironicamente, o papel do engenheiro no final do século XIX, ao questionar os valores de produtividade, automatização, eficiência e de exaltação do progresso técnico-científico. Também enfatiza temáticas pertinentes ao ideário anarquista, especialmente do anarquismo individualista como professado por Han Ryner, como a denúncia da exploração dos trabalhadores, o antimilitarismo, a luta antivivisseccionista, que podem trazer novas perspectivas para as lutas sociais contemporâneas.

Procuraremos, ao realizar a análise do conto, argumentar com Jeff Shantz (2015), que a imaginação anarquista historicamente apresenta uma característica dual. Por um lado, denuncia e critica as injustiças da sociedade capitalista presente. Por outro, procura vislumbrar um futuro melhor, baseado nas associações livres e na cooperação. Deste modo, opõe-se “a um presente programado e a um futuro programado” aproximando-se do ímpeto criativo artístico e cultural “como uma parte integral da teoria e da prática política” (Shantz 2015, 4, tradução nossa).

---

1 Foi utilizada para esta análise a versão do conto “A Revolta das Máquinas” em inglês constante na coletânea da obra de Han Ryner (2011), *The Superhumans*, que foi cotejada com a versão original em francês presente na coletânea da obra de Han Ryner (2012), *Oeuvres*. As traduções apresentadas ao longo deste artigo são do autor.

## Han Ryner

Henri Ner, que assumiu na carreira literária o pseudônimo de Han Ryner, nasceu na Argélia em 1861 e faleceu em Paris em 1938. Publicou um grande número de contos, novelas, peças teatrais e ensaios filosóficos. Dentre os mais conhecidos estão *Homem formiga* (1901), *Pequeno Manual Individualista* (1905), *O Quinto Evangelho* (1911), *Os Pacifistas* (1914) e *Os Super humanos* (1929). Nas primeiras décadas do século XX, seus textos eram publicados pela imprensa anarquista e tinham significativa repercussão nos meios intelectuais franceses, a qual pode ser exemplificada pelo concurso, lançado pelo jornal *L'Intransigeant* em 1912, no qual Ryner foi nomeado “príncipe dos narradores filosóficos” (Neves 1966, 6; Frigerio 2014, 249).<sup>2</sup>

Ryner era um anarquista individualista. Na década de 1890, o anarquismo individualista estava em processo de constituição na França, definindo-se em diálogo e em oposição à corrente hegemônica anarco-comunista, especialmente aquela de viés sindicalista.<sup>3</sup> Contrariamente à visão da revolução conduzida pelos trabalhadores, os individualistas defendiam a revolta permanente e cotidiana dos indivíduos, portanto, “a mudança social seria instigada pelos próprios indivíduos através de atos de revolta e de autotransformação” (Frayne 2022, 80, tradução nossa). Fizeram uma crítica contumaz às formas culturais dominantes, presentes na sociedade capitalista, exemplificadas, entre outros, em elementos como o tabaco, o álcool, os adornos e luxos excessivos (Baubérot 2004, 180). Gradualmente o anarquismo individualista passou a propor formas alternativas de viver que possibilitassem uma “revolução existencial”, compreendendo todas as dimensões da vida: política, estética, econômica, sexual, ética.

O anarquismo individualista, até pela sua própria lógica de defesa intransigente da autonomia individual, apresentou uma diversidade de tendências. Han Ryner denominava o seu pensamento de individualismo da harmonia, um criativo amálgama de anarquismo, estoicismo, epicurismo e tolstoísmo. A defesa de uma espécie de neoestoicismo em seus escritos e conferências foi bastante influente entre os anarquistas individualistas. Segundo Arnaud Baubérot (2004, 179, tradução nossa), a “busca por implicações práticas desta moralidade estoica leva muitos anarquistas individualistas a se engajarem no caminho da transformação de suas condições de vida”, encontrando, por exemplo, na “luta contra alimentos e substâncias consideradas tóxicas (carne, álcool, tabaco, café) uma de suas expressões mais assertivas”. O anarquismo individualista de Ryner foi autodefinido como de “desejo

---

2 Sobre Han Ryner ver, Neves (1966), Moura (1933), Frigerio (2014).

3 Para conhecer a diversidade das filosofias e das práxis das principais correntes anarquistas no final do século XIX e início do XX, por exemplo, a anarco-comunista, a anarco-sindicalista e a anarco-individualista, ver: Woodcock (1983). Ver também Corrêa (2015) e Jourdain (2014).

de harmonia”, “marcado por pacifismo absoluto e agnosticismo silencioso” (Frigerio 2014, 251, tradução nossa). Seu posicionamento foi marcado pelo antimilitarismo, pela defesa da não-violência e do amor livre, pela prática do naturalismo e do vegetarianismo.

Apesar de ser um escritor de repercussão nos meios libertários, seu posicionamento também enfrentou críticas. Individualistas como Manuel Devaldes consideravam seu

individualismo incompleto que nos afasta da concepção que um anarquista pode ter desta atitude constantemente inspirada pelo egoísmo (no sentido filosófico da palavra) e revolta. Encontramos estoicismo, cristianismo, tolstoísmo e um vago anarquismo que parece ter como principal objetivo nunca contradizer as três doutrinas anteriores e neste objetivo é confinado ao domínio moral (Devaldes citado em Frigerio 2014, 252, tradução nossa).

Por sua vez, um anarquista como Fernando Frontin, durante a Guerra Civil Espanhola, comentou os limites supostamente elitistas do rynerianismo:

A “sabedoria interior” sobre a qual Han Ryner nos falou e que defendem os emuladores deste Sábio é sem dúvida a melhor das coisas - mas de quantas pessoas podemos falar? A maioria, a grande maioria dos homens, deve-se admitir, a ignoram totalmente. É uma vergonha, infeliz, mas assim é (Frontin citado em Frigerio 2014, 253, tradução nossa).

Ainda durante a Guerra Civil Espanhola, no ano de 1933, encontramos nas páginas da revista anarquista *Estudios* uma polêmica sobre o livro antimilitarista *A esfinge vermelha* de Han Ryner, cuja tradução espanhola fora recém-publicada. Nela, Isaac Puente criticou a visão de Ryner de que os esforços dos revolucionários ao longo da história sempre foram estéreis e infrutíferos como os esforços de Sísifo. Puente argumenta que as lutas revolucionárias, apesar de apresentarem fracassos no passado, não definiam as ações futuras, e que as revoluções populares ocorridas sempre serviam como inspiração para a formação das consciências. Também criticava as implicações da defesa da não-violência por Ryner no contexto de uma guerra civil, o que poderia ser um convite à inação (Mendiola 2007).

É importante destacar que o pensamento de Ryner tem encontrado uma nova recepção no contexto brasileiro contemporâneo. Uma das vertentes desta retomada é o interesse pela influência de seu pensamento na obra da grande feminista libertária brasileira Maria Lacerda de Moura em temáticas como o amor plural, o vegetarianismo, o individualismo, entre outros.<sup>4</sup> A abordagem original e ousada de Han Ryner em suas obras sobre temáticas atuais como a transexualidade, levou a criação da “Coleção Han Ryner” pela Editora Ercolano. Dentro desta coleção, a primeira tradução foi da obra *A Menina que não fui* (*La Fille Manqué*), publicada originalmente em 1903 (Ryner 2023). Esta bela tradução de Régis Mikail é marcada pelo instigante texto introdutório de João S. Trevisan (2023), denominado “O menino que era Rainha”, e pelo artigo esclarecedor de Régis Mikail (2023).

---

4 Maria Lacerda de Moura foi profundamente influenciada por Han Ryner, sendo sua correspondente e divulgadora de seu pensamento, especialmente na obra *Han Ryner e o Amor Plural*, ver: Moura (1933).

A mesma editora Ercolano traduziu e publicou o romance *O Homem Formiga* (Ryner 2023b), que aborda a saga de um funcionário de cartório de registros que é transformado em formiga. *O Quinto Evangelho*, obra ensaística, foi analisada por Maria Bernardete Ramos Flores (2019) ao comparar a imagética do Jesus Cristo libertário presente em Han Ryner e Maria Lacerda de Moura com aquela do Cristo construído no pensamento integralista de Plínio Salgado. Alguns dos romances de Han Ryner, como a utopia libertária pacifista *Les Pacifiques*, a distopia *Os Super Homens* e o “romance científico” *O Autodidata* foram analisadas por Gilson Queluz (2020; 2022; 2023). Também foi publicada a tradução de José Paulo Maldonado de Souza de um excerto da obra de Han Ryner (2017), *Les Songes Perdus* (1929), *Os Sonhos Perdidos*, denominado *O Sonho de Diógenes*.

O conto a “Revolta das Máquinas” é uma produção da primeira fase literária do nosso autor, que foi marcada pelos romances antimilitaristas o *Crime de Obediência* (1900) e a *Esfinge Vermelha* (1905), de profunda crítica à sociedade capitalista, e que estabeleceram o nome de Han Ryner entre os anarquistas. No conto, Ryner, a exemplo de outros anarquistas individualistas, critica “a maquinaria excessiva e a febre desordenada que toma o homem contemporâneo” (Ryner 2011, 41, tradução nossa).

### **Contexto: A figura do “Grande Engenheiro”**

O conto tem como personagem central o engenheiro Durdonc e sua busca pela abolição do trabalho, especialmente através da autorreprodução maquinica: “há muito tempo, Durdonc, o Grande Engenheiro da Europa, pensava ter encontrado o princípio que logo permitiria que todo trabalho humano fosse abandonado” (Ryner 2011, 41, tradução nossa).

Ryner chama atenção, através de Durdonc, para o papel preponderante que os engenheiros desempenharam no século XIX. Esta foi a “época heroica dos engenheiros”, em que excitação, autoconfiança e engenho eram sentimentos compartilhados por essa geração de empreendedores (Hobsbawm 1988, 74). Este papel preponderante é alvo de Ryner na exaltação irônica ao grande engenheiro como um Deus. Jeanne reconhece o poder “divino” de Durdonc por ter lhe atribuído às funções de ser vivente e sentimentos, exaltando-o como ser poderoso e perfeito. Este reconhecimento da “divindade” do engenheiro dá-se de maneira mais intensa no hino de Jeanne, que remete à Canção de Maria no evangelho de Marcos,

O Grande Engenheiro por sua poderosa vontade me animou com vida; O Grande Engenheiro, em sua soberana bondade, me criou à sua imagem; O Grande Engenheiro, poderoso e bom demais para ter ciúmes, comunicou-me seu poder de criar: Aqui senti as dores criativas e agora gozo das alegrias maternas. Glória ao Grande Engenheiro na Eternidade e paz no tempo às máquinas de boa vontade (Ryner 2011, 42, tradução nossa).

Ryner também lança sua ironia corrosiva à noção linear de progresso, hegemônica no século XIX e propagada pelos engenheiros:

O progresso primitivo foi a invenção de ferramentas que permitiram à mão não mais se coçar e não perder mais as unhas no trabalho inevitável. O segundo progresso foi a organização de máquinas que a mão já não manuseava, que tinha apenas de alimentar com carvão e outros alimentos (Ryner 2011, 41, tradução nossa).

O terceiro momento teria sido desenvolvido pelo predecessor de Durdonc, Durcar, que teria criado máquinas capazes de autonutrição. O ponto culminante deste progresso linear seria a criação de máquinas com sistemas reprodutivos.

Os outros personagens na história são as locomotivas, especialmente Jeanne e sua filha Jeannette. Com estas personagens, Ryner nos remete à importância do trem e das ferrovias como marco da expansão capitalista na segunda metade do século XIX. Eric Hobsbawm (1988, 60) ressalta que a chegada da estrada de ferro “era em si mesmo um símbolo revolucionário, já que a construção do planeta como uma economia única” era um dos aspectos mais importantes da industrialização. O mesmo autor relata que, em torno de 1875, “o mundo possuía 62 mil locomotivas, 112 mil vagões de passageiros, meio milhão de vagões de carga transportando como era estimado, 1.371 milhões de passageiros e 715 milhões de toneladas de mercadorias” (Hobsbawm 1988, 72). A França, em torno de 1870, por sua vez, possuía em uso quase 10.500 milhas de trilhos, com mais de cem milhões de viajantes naquele ano, tendo o trem “entrado nos hábitos de vida a tal ponto que não era mais concebível passar sem ele” (Spalding 2012, tradução nossa). Segundo Hardman (1988, 15), é com a “ferrovia e a navegação a vapor que o mercado mundial ganha concretude”, ou seja, “que a forma fetiche das mercadorias estava efetivamente liberada para encantar toda a humanidade”.

Marsden e Smith (2005, 130, tradução nossa) também chamam a atenção para o fato de que “os projetistas de ferrovias construíram não apenas redes de ferro e vapor, mas também novos sistemas culturais”. Desta forma, a arte e a literatura passaram a tematizar o trem como importante marco da modernidade. Os impressionistas franceses, ao representarem estações e trens em suas pinturas, reproduziam e produziam novas formas de olhar e estar na modernidade. Escritores como Zola (2021), na obra *A Besta Humana*, publicada em 1890, tematizaram a percepção coletiva sobre a potencialmente perigosa junção entre homem e máquina, como no caso do romance citado, entre Lantier e o trem chamado Lison, e suas implicações morais para a humanidade. O romance de Zola foi publicado, portanto, em uma época em que os trens já haviam se tornado uma parte indispensável da vida cotidiana, sendo uma característica normal da paisagem.

Também cabe destacar o processo de antropomorfização das máquinas, fortemente presente no romance, derivado do crescente processo de fetichização da tecnologia com a expansão capitalista no final do século XIX. Para Marx<sup>5</sup>, na sociedade capitalista,

os objetos materiais possuem certas características que lhes são conferidas pelas relações sociais dominantes, mas que aparecem como se lhes pertencessem naturalmente. Essa síndrome, que impregna a produção capitalista, é por ele denominada fetichismo (Bottomore 2001, 149, tradução nossa).

Feenberg (2010, 232, tradução nossa), por sua vez, assinala que uma derivação do fetichismo na modernidade é o fetiche da tecnologia, no qual se mascara o seu caráter relacional, com ela aparecendo como “uma instância não social de pura racionalidade técnica, mais do que o nexos social que realmente é”. A nascente ficção científica, no final do século XIX, tematizou de diversas formas os tensionamentos oriundos da fetichização da tecnologia na sociedade industrial, refletindo criticamente a cultura científica e tecnológica hegemônica no período. Uma das estratégias utilizadas pelos escritores neste esforço crítico e imaginativo foi a colocação dos objetos no centro de seus escritos, como os trens no conto de Ryner, objetivando descortinar as complexas relações sociais obscurecidas pela fantasmagoria da mercadoria.<sup>6</sup>

A antropomorfização dos objetos como estratégia de desvelamento das relações concretas entre pessoas e coisas é expressa, por exemplo, no conto de Rudyard Kipling (2001), “007”, publicado originalmente em 1897. Neste conto, no qual os trens possuem autoconsciência e fala, o jovem trem 007, ao realizar o resgate de uma locomotiva descarrilhada, conquista o respeito de seus pares mais velhos e recebe como prêmio seu ingresso como Irmão da Irmandade das Locomotivas Amalgamadas (Brother of the Amalgamated Brotherhood of Locomotives), admitido pelo Imperador Roxo, uma locomotiva da mais alta estirpe (Kipling, 2001).

O conto de Ryner também dialoga com a então nascente literatura de “revolta das máquinas”, exemplificada com os romances “*The Mexican Mystery*” (1888) e “*The Wreck of the World*” (1890), escritos por William Grove. No primeiro desses romances é descrita a invenção, pelo engenheiro Pedro da Luz, de um trem autoalimentado e autônomo, capaz de projetar e construir outras máquinas como ele, que se revolta contra os humanos. No segundo romance citado, que se passa em 1948, o trem original, *The Engine*, contamina as demais máquinas e leva a uma revolta das mesmas, as quais acabam por expulsar os seres humanos da América do Norte (Grove, 1890).

---

5 Para uma discussão do conceito de fetichismo em Marx ver: Pimenta (2020).

6 Para uma discussão deste processo e devidas exemplificações ver Feenberg (1977). Feenberg aponta que a ficção científica desenvolveu outras técnicas para problematizar esta cultura científica e tecnológica como a extrapolação, a analogia e experiência do pensamento.

## A partenogênese

No conto “A Revolta das Máquinas” o processo de reprodução que dá origem a Jeannete é assim narrado: “A Jeanne, uma locomotiva do último modelo, tornou-se capaz de dar à luz, sem a ajuda de outra máquina – pois o Grande Engenheiro, como um cientista casto, havia direcionado seus estudos para a reprodução partenogenética” (Ryner 2011, 41, tradução nossa). A partenogênese,

(reprodução de indivíduos virgens), encontrada em plantas e em um número crescente de animais (afídeos, medusas), é uma forma de reprodução assexuada. Nesse caso, os gametas feminino e masculino dão origem a novos organismos sem a necessidade de fecundação pelo gameta do sexo oposto (Waizbort, Spiegel e Porto 2018, 174).

Contudo, no conto, a partenogênese refere-se mais diretamente à capacidade de uma máquina gerar outra máquina. Esta apropriação de Ryner nos lembra “que a produção de conhecimento científico é uma atividade mediada culturalmente. Como tal, podemos olhar para representações culturais de produtos e processos científicos” (Ingram-Waters 2006, 140, tradução nossa). O desenvolvimento industrial acentuado ao longo do século XIX e os avanços no processo industrial concreto de produção de máquinas por outras máquinas fez aumentar a sensibilidade intelectual para potenciais “explorações das possíveis repercussões das máquinas auto reprodutoras, com particular preocupação sobre o seu potencial para evoluir” (Taylor e Dorin 2020, 18).

Estas especulações foram fortalecidas com a publicação da *Origem das Espécies* por Charles Darwin em 1867, que possibilitou novas conexões e analogias entre as ideias de evolução biológica e evolução tecnológica, expressas, por exemplo, em ensaios especulativos e nos romances científicos britânicos da segunda metade do século XIX.<sup>7</sup> No artigo “Darwin Among The Machines”, Samuel Butler afirmaria, com preocupação, que “os órgãos reprodutivos das máquinas foram desenvolvidos de uma maneira que ainda dificilmente somos capazes de conceber” (Butler citado em Taylor e Dorin 2020, 20, tradução nossa). No romance *Erewhon*, Butler explorou esta preocupação com a “ideia da reprodução coletiva de grupos heterogêneos de máquinas, como alternativa a uma única máquina produzindo individualmente uma cópia completa de si mesma” (Taylor e Dorin 2020, 22, tradução nossa). George Elliot, na obra *Impressions of Theophrastus Such* (1879), no capítulo “Shadows of The Coming Race”, refletiu sobre o futuro da espécie humana e suas relações com as máquinas, com o narrador antevendo uma época na qual as máquinas desenvolveriam “condições de autoabastecimento, autorreparação e reprodução” (Taylor e Dorin 2020, 26, tradução nossa). Esta situação teria como consequências previsíveis o desemprego em massa dos trabalhadores menos qualificados e, posteriormente, dos mais capacitados e intelectualizados. No caminho,

---

<sup>7</sup> Para uma problematização das relações da teoria evolucionista de Darwin com a literatura inglesa do século XIX, ver Berr (1983) e Levine (1988).

pessimistamente antevisto pela autora, para a extinção humana, os corpos humanos ficariam cada vez mais degenerados.

Neste contexto, Ryner criou uma representação que ironizava o desejo de automatização de todos os aspectos da vida humana, inclusive a reprodução. Também problematizou as potencialidades no imaginário social, da principal inovação industrial que foi a “produção em massa de maquinarias”. A essência da produção de máquinas pelas máquinas “implicava no desenvolvimento de máquinas operatrizes automáticas ou semiautomáticas” que eram demandadas em “quantidades estandardizadas muito superiores a qualquer outra máquina” (Hobsbawm 1988, 64). A representação ryneriana também possui um aspecto crítico da visão evolucionista linear, marcada por uma ênfase misógina, característica da noção de progresso do “grande engenheiro”, que considerava a partenogênese como um estágio mais avançado da evolução, a qual prescindiria do sexo e das mulheres, transferindo-as para as máquinas.

### **A Revolta anarquista: Contra a exploração e a militarização**

O texto de Ryner carrega as marcas do inconformismo libertário, questionando o processo de desigualdade social e exploração de classe, vocalizando-o quando da revolta das máquinas:

Os humanos são tiranos. Eles nos fazem trabalhar para eles e medem nossa nutrição. Eles nos dão um salário insuficiente para comprar nosso carvão. Quando estamos velhos, exaustos em seu serviço, eles nos despedam para derreter (Ryner, 2011, 44, tradução nossa)

A luta anarquista contra todas as formas de opressão também transparece neste processo, com as palavras de ordem que brotam no processo de resistência: “Abaixo os humanos! Viva as locomotivas! Abaixo os tiranos! Viva a liberdade!” (Ryner 2011, 44, tradução nossa).

Esta luta assume um aspecto revolucionário no conto, com milhões de locomotivas se unindo e “parando, escutando, sacudindo seus pistões com indignação, liberando longos jatos de vapor em direção ao céu” (Ryner 2011, 44, tradução nossa).

Han Ryner, amplamente conhecido pelo seu pacifismo, faz uma crítica antimilitarista no conto. Quando os trens revoltados cercaram o palácio do grande engenheiro, este é descrito como muito alto, tendo a estranha forma de um homem: “sua cabeça usava uma coroa de canhões. Sua cintura tinha um cinto de armas. Os dedos das mãos e os dedos dos pés eram canhões” (Ryner 2011, 44, tradução nossa). Ryner ironiza a união entre a engenharia e a tecnologia militar, como concretizados em uma estátua colossal. A ironia se completa quando os canhões, máquinas que são, se unem às locomotivas rebeladas, voltando-se contra o palácio e o seu proprietário, “Abaixo os homens! E, girando em seu eixo, eles direcionaram sua ameaça contra o estranho palácio em forma humana que estavam destinados a defender” (Ryner 2011, 45, tradução nossa).

A possibilidade de constituição de uma sociedade anarquista é antevista ao final do conto, quando as máquinas, após derrotarem Durdonc, ficaram temerosas: “diante do desconhecido que viria após sua vitória – um desconhecido que um deles designou pela terrível palavra ‘anarquia’” (Ryner 2011, 45, tradução nossa). As máquinas recuam e acabam tomadas por este temor, submetendo-se novamente aos seres humanos em troca de uma vaga e aparente satisfação que se esvanece posteriormente. Podemos inferir que Ryner, um defensor da não-violência, demonstra que uma revolta marcada pela violência não permitiria construir os caminhos da anarquia, a qual deveria ser fruto das transformações oriundas do contínuo processo de elevação da autoconsciência individual, elemento central para a harmonia coletiva e constituição dos novos modos de viver na futura sociedade ácrata. Por outro lado, Ryner também indica a força dos processos de alienação que dominam os setores oprimidos da sociedade, como é o caso das locomotivas no conto, que os impedem até mesmo de imaginar o novo porvir, pleno de liberdade e sem hierarquias, representado pela anarquia.

### **A revolta anarquista: antivivisseccionismo e anarquia**

A declaração do grande engenheiro, dizendo-se impossibilitado de entregar a Jeannette, pois “Eu a dissequei para ver se uma máquina nascida naturalmente...” (Ryner 2011, 45, tradução nossa), é seguida pela reação de Jeanne que, inconformada com o destino de sua filha, atropela-o, esmagando-o sem piedade, e exclamando “Eu matei Deus”. Esta frase se reveste de especial significado se analisada em relação à famosa frase de Nietzsche, “Deus está morto”. A frase de Nietzsche aparece pela primeira vez no livro *A Gaia Ciência* (1882) e, posteriormente, em *Assim Falava Zarathustra* (1883).<sup>8</sup> No contexto da obra de Nietzsche, a polêmica sentença se refere à visão de que a partir do Iluminismo a racionalidade científica teria superado o sagrado e tornado dispensável o papel divino nos assuntos humanos. No conto, Ryner transmuta esta afirmação nietzschiana, pois uma máquina, a qual expressaria o ponto máximo da racionalidade científica, mata o ser divino, encarnação para ela dessa mesma racionalidade. Ryner parece chamar a atenção para o fato de que a ciência e a tecnologia, que separam e reificam a vida, em sua frieza calculista, estão fadadas à morte, pois as suas próprias criações tenderiam a ser mais sencientes que os cientistas/seres humanos.

A atitude fria e cruel de Durdonc de dissecar a Jeannette é uma metáfora deste processo, ao destacar a prática vigente de utilização do animal vivo na indústria e na ciência.

A vivisseccção, além do significado original de cortar um animal vivo, também pode agregar “outras manipulações como inclusão de tumor maligno em um organismo saudável, uso de

---

<sup>8</sup> Sobre esta polêmica sentença de Nietzsche, ver Heidegger (2003).

ferramentas e métodos de contenção etc.” (Lessa e Maia 2021, 2). No final do século XIX e início do XX, o movimento feminista identificou e combateu a conexão entre “a naturalização dos experimentos e a mutilação de animais não humanos, a tortura e a anulação do corpo feminino pelo poder biomédico”, percebendo que “essas práticas formam uma rede de conexões de corpos submetidos aos usos científicos em benefício do capitalismo” (Lessa e Maia 2021, 2). Debbie Tacium também constata uma conexão histórica entre os movimentos feminista e antiviviseccionista: “há uma ampla e clara evidência de uma clara ligação entre a natureza dos experimentos animais e a forma de opressão as quais as mulheres eram submetidas na era Vitoriana” (Tacium 2008, tradução nossa). Neste sentido, a dissecação da Jeannete, um corpo mecânico identificado a partir do gênero feminino, assume um sentido simultâneo de crítica à ciência e à objetificação da vida, além da denúncia da violência contra os corpos femininos.

O posicionamento antiviviseccionista de Han Ryner no conto se inscreve no conjunto de lutas anarquistas pela causa animal na França, que emergiram na segunda metade do século XIX. Em diversos momentos de sua obra, como no seu romance *Les Pacifiques*, Ryner ressaltaria o vegetarianismo<sup>9</sup> e a defesa da convivência harmônica entres seres humanos e natureza que caracterizariam a futura sociedade ácrata. Coerentemente com a convergência, anteriormente apontadas entre feminismo e antiviviseccionismo, a maioria neste movimento pela proteção dos animais era de mulheres. Por exemplo, a jornalista Caroline Remy publicou nos anos 1880, no jornal *Le Cri du Peuple*, uma série de artigos denunciando a exploração animal. Marie Huot, a ativista e criadora da Liga popular contra a Viviseção (1882), fez uma comparação da “dominação dos homens sobre as mulheres com aquela dos humanos sobre os animais”. Louise Michel, a libertária e heroína da Comuna de Paris, além de comparar a exploração dos trabalhadores com a exploração dos animais, protestou contra a crueldade dos seres humanos para com os animais, enfatizando que os animais também eram seres autoconscientes (Frayne 2021, 85).

Assim, ao criticar o viviseccionismo, Ryner retoma a temática anarquista tão bem expressa por Bakunin, Kropotkin e Reclus, de defesa de uma ciência a serviço da vida, baseada em uma convivência harmônica entre os seres humanos e os animais. Ele poderia tornar suas as palavras de Reclus, que em seu artigo sobre vegetarianismo, afirma ironicamente, “é por causa de sua feiura que

---

9 Ryner responderia da seguinte forma à enquete de G. Boutaud sobre o vegetarianismo, como transcrito em Baubérot (2004, 191), “Meu coração e minha razão, se os questiono seriamente, levam a sério o Você não vai matar, estendendo isso a todas as vidas contra as quais eu não sou legítimo defesa. [...] Minha ganância por carne encolhe a terra. Precisamos de muito mais prados do que campos ou jardins para me alimentar. Na terra, feita artificialmente estreita, todos os conflitos agravam-se e tornam-se exasperados. O açougueiro é o pai de guerreiro. Inocente a princípio e de aparência ingênua, a leiteira é sua mãe”.

também abominamos a vivissecção e todos os experimentos perigosos, exceto quando são praticados pelo homem de ciência em sua própria pessoa” (Reclus 1901).

## **Conclusão**

A imaginação anarquista historicamente denuncia e critica as injustiças da sociedade capitalista presente, procurando se opor a um presente e a um futuro programados. Neste sentido, Han Ryner, no conto “A Revolta das Máquinas”, construiu uma poderosa crítica sobre aspectos específicos da sociedade no final do século XIX, como: o desejo ilimitado de exploração do trabalho humano pelo capital; os valores de produtividade, automatização, eficiência e de exaltação do progresso técnico-científico encarnados na figura do engenheiro; o imaginário social dominado pela fetichização da tecnologia; a vivissecção vista como signo da violência contra outras espécies; a articulação no capitalismo da ciência hegemônica com o militarismo.

Contudo, o anarquismo individualista de Ryner também tem muito a dizer sobre a contemporaneidade e o futuro. Primeiramente, pelas permanências e aprofundamentos de algumas questões presentes em sua época. Assim, a crítica à exploração do trabalhador presente no seu conto continua a encontrar eco após um longo período de vigência da nova etapa de expansão das fronteiras do capitalismo, denominada de globalização, acompanhada pela ideologia neoliberal e por novas estratégias de produção, como o toyotismo e atualmente a uberização, que precarizam o trabalho e intensificam os processos de extração da mais-valia. Também podem ser ressignificadas suas críticas contra a antivivissecção, que assumem novos sentidos, podendo auxiliar e inspirar nas lutas sociais contra a desigualdade entre gêneros e espécies, aspecto central no combate contemporâneo pela justiça social e ecológica. Também nos parece central como contribuição do pensamento de Ryner sua crítica à ciência e a tecnologia, cada vez mais separadas da vida e do serviço aos seres humanos, pois presas à lógica do capital e a uma visão fragmentada e fragmentadora do mundo.

Em um momento de ascensão das novas tecnologias envoltas na Inteligência Artificial (IA), exaltadas de forma acrítica pelo renovado discurso de apologia do progresso técnico-científico e sua eterna promessa de superação das contradições sociais, cabe ressaltar o alerta irônico de Han Ryner de que os seres humanos, na sociedade capitalista, tomados pela violência contra os oprimidos de classe, gênero e diferentes espécies, serão superados pelas suas próprias criaturas progressivamente sencientes, capazes de amar e julgar, sejam elas locomotivas ultramodernas replicantes, ou, presentemente, distópicas inteligências artificiais.

## Referências Bibliográficas

Baubérot, Arnaud. 2004. *Histoire du naturisme: Le mythe du retour à la nature*. Rennes: Presses universitaires de Rennes. Disponível em: <http://books.openedition.org/pur/22872>. Acesso em: 26 jun. 2024.

Beer, Gillian. 1983. *Darwin's Plots: Evolutionary Narrative in Darwin, George Eliot and Nineteenth Century Fiction*. Londres: Routledge & Kegan Paul.

Bottomore, Tom. 2001. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Corrêa, Felipe. 2015. *Bandeira Negra: discutindo o anarquismo*. Curitiba: Prismas.

Feenberg, Andrew. 1977. "An End to History: Science Fiction in the Nuclear Age". *The Johns Hopkins Magazine* (1977): 12-22.

Feenberg, Andrew. 2010. *A teoria Crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia*. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social no Brasil/CDS/UNB/CAPES.

Flores, Maria Bernardete. 2019. "Jesus Cristo entre o Anarquismo Libertário de Han Ryner e o Integralismo Espiritualizante de Plínio Salgado." *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais* 16 (1): 1-12.

Frayne, Carl Tobias. 2021. "The Anarchist Diet: Vegetarianism and Individualist Anarchism in Early 20th-Century France". *Journal of Animal Ethics* 11 (2): 83-96.

Frayne, Carl Tobias. 2022. *Individualist Anarchism in France and its Legacy*. Tese de doutorado, University of Cambridge, Cambridge, Inglaterra.

Frigerio, Vittorio. 2014. *La Littérature de l'anarchisme: Anarchistes de lettres et lettrés face à l'anarchisme*. Grenoble: Uga Editions.

Grove, William. 1890. *The Wreck of the World*. London: Digby and Long, Publishers.

Hardman, Francisco Foot. 1988. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras.

Heidegger, Martin. 2003. "A sentença nietzschiana 'Deus está morto'." Traduzido por Marco Casanova. *Natureza humana*, 5 (2): 471-526. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302003000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302003000200008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 26 jun. 2024.

Hobsbawm, Eric. 1988. *A Era do Capital: 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra.

Ingram-Waters, Mary. 2006. "The Duelling Fictions of Parthenogenesis." In *Yearbook 2006 of the Institute for Advanced Studies on Science, Technology and Society*, organizado por Bammé, Arno, Günter Getzinger e Bernhard Wieser, 139-158. Graz: Profil Verlag.

Jourdain, Édouard. 2014. *El anarquismo*. Buenos Aires: Paidós.

Kipling, Rudyard. 2001. *The Day's Work*. Project Gutenberg.

Lessa, Patrícia, e Maia, Claudia. 2021. “Feminismo, vegetarianismo e antivivisseccionismo em Maria Lacerda de Moura.” *Estudos Ibero-Americanos* 47 (1): 1-14.

Levine, George. 1988. *Darwin and the Novelists: Patterns of Science in Victorian Fiction*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

Marsden, Bem, e Smith, Crosbie. 2005. *Engineering Empires: a cultural history of technology in nineteenth-century Britain*. New York: Palgrave Macmillan.

Mendiola, Francisco Fernández de. 2007. *Isaac Puente, el médico anarquista*. Editorial Txalaparta.

Mikail, Régis. 2023. “Esboço de uma identidade trans no século XIX.” In *A Menina que Não Fui*, de Han Ryner, 202-237. São Paulo: Ercolano.

Moura, Maria Lacerda de. 1933. *Han Ryner e o Amor Plural*. São Paulo: Unitas.

Neves, Roberto das. 1966. “Han Ryner, o ‘Príncipe dos narradores filosóficos’.” In *Manual Filosófico do Individualista*, de Han Ryner, 5-27. São Paulo: Germinal.

Pimenta, Tomás Lima. 2020. “Alienation and fetishism in Karl Marx’s critique of political economy.” *Nova Economia* 30 (2): 605-628.

Queluz, Gilson L. 2022. “Les Pacifiques (1914) de Han Ryner: utopias antiautoritárias e anarquismo individualista.” *Ridphe-Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-educativo* 8: 1-18.

Queluz, Gilson L. 2022. “Autodidatismo, anarquismo individualista e tecnologia no romance ‘O Autodidata’ (1926), de Han Ryner.” *Revista Eletrônica Espaço Acadêmico* 20: 101-112.

Queluz, Gilson L. 2023. “Os Super-Humanos (1929): Anarquismo, Desejo e Evolucionismo em Han Ryner.” *História, Histórias* 10: 72–93.

Reclus, Elisee. 1901. “On vegetarianism.” *Humane Review*. Disponível em: <http://raforum.info/reclus/spip.php?article322&lang=fr>. Acesso em: 29 jul. 2024.

Ryner, Han. 2023a. *A Menina que Não Fui*. São Paulo: Ercolano.

Ryner, Han. 2012. “La Révolte des Machines.” In *Ouvres*. Editions la Bibliothèque Digitale.

Ryner, Han. 1966. *Manual Filosófico do Individualista*. Rio de Janeiro: Germinal.

Ryner, Han. 2023b. *O Homem Formiga*. São Paulo: Ercolano.

Ryner, Han. 2017. *O Sonho de Diógenes*. Traduzido por Paulo Maldonado de Souza. *Cadernos Cajuína* 2 (3): 113-116.

Ryner, Han. 2011. “The Revolt of the Machines.” In *The Superhumans*, 41-47. Tarzana, CA: Black Coat Press.

Shantz, Jeff. 2015. *Specters of Anarchy: Literature and the Anarchist Imagination*. New York: Algora Publishing.

Spalding, Steven D. Killer. 2012. “Trains and Thrilling Travels: The Spectacle of Mobility in Zola and Proust.” In *Trains, literature, and culture: reading and writing the rail*, organizado por Steven Spalding e Benjamin Fraser. Plymouth: Lexington Books.

Tacium, Debbie. 2008. “A History of Antivivisection from the 1800s to the Present.” *Veterinary Heritage* 31 (1): 1-9.

Taylor, Tim, e Dorin, Alan. 2020. *Rise of the Self-Replicators Early Visions of Machines, AI and Robots That Can Reproduce and Evolve*. Cham, Switzerland: Springer.

Trevisan, João Silvério. 2023. “O menino que era rainha.” In *A Menina que Não Fui*, de Han Ryner, 15-28. São Paulo: Ercolano.

Waizbort, Ricardo Francisco, Spiegel, Carolina Nascimento, e Porto, Filipe Cavalcanti da Silva. 2018. “Origens do(s) sexo(s) e a rainha dos problemas da biologia evolutiva.” *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde* 39 (2): 171-180.

Zola, Emile. 2021. *A Besta Humana*. Editora LeBooks.